

BLACKWORK: BORDADO COMO PRODUTO DO CONTEXTO SÓCIOPOLÍTICO

Blackwork : embroidery as a product of a sociopolitical background

Santos, Rafaella F. L., Bacharel, Universidade Julio de Mesquita Filho,
rafaellalucera@gmail.com¹

Benutti, Maria Antonia, doutora, Universidade de São Paulo,
mariabenutti@gmail.com²

Resumo: O presente artigo propôs estudar o bordado inglês, especificamente o desenvolvimento do bordado influenciado pela tradição espanhola. Por meio de uma revisão bibliográfica analisou-se o contexto sociopolítico do *blackwork*, sua herança em outras culturas e sua produção durante a dinastia Tudor.

Palavra-chave: Blackwork, Bordado, Produção têxtil.

Abstract: The present article proposed study English embroidery, specifically the embroidery development influenced by Spanish tradition. Through a bibliographical review blackwork sociopolitical background was analyzed, its heritage in other cultures and it production during the Tudor's dynasty.

Keywords: Blackwork, Embroidery, Textile production.

1. Introdução

O bordado é a arte de ornamentar peças têxteis com imagens ou padrões, através do trabalho feito por meio de agulhas, se utilizando de diferentes tipos de fios, pedrarias, metais e outros materiais não convencionais. Tal processo é uma arte tão indissolúvelmente conectada à conveniência e ao conforto humano, que se torna impossível imaginar algum ramo da sociedade em que ela não esteve presente (OWEN, 1847, p. 56). Ao contrário de outros artesanatos têxteis, o bordado teve desde suas origens uma função essencialmente estética e não utilitária, e por isso se tornou um campo muito atraente para a arte popular (HOUELIER, 2016).

¹ Bacharel em Design de Produto pela FAAC UNESP Bauru

² Professora doutora do Departamento de Artes e Representação Gráfica, da Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação.

O interesse em pesquisar tal temática surgiu ocasionado por uma procura por maior visibilidade do trabalho manual no design e preocupação por derrubar a conotação depreciativa sobre artesanato como a presente no *Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa*: “Que é feito através de meios rudimentares, às vezes sem qualquer método; que apresenta feitura grosseira.” (LAROUSSE, 1999, apud BORGES, 2011, p.22).

As noções depreciativas ligadas ao artesanato podem ser observadas por um passado de negação, ocasionado pelo processo de colonização no país, descrito por Adélia Borges:

A institucionalização do design no Brasil foi feita a partir da ruptura com o saber ancestral manifesto em nossa cultura material. A herança dos nossos artefatos [...] foi totalmente desconsiderada e desvalorizada. O desejo deliberado de abolir o objeto feito a mão em prol do feito à máquina obedeceu à visão de que a tradição da manualidade era parte do passado de atraso, subdesenvolvimento e pobreza [...]. (Borges, 2011, p.31)

Entretanto fora do Brasil há um movimento de valorização e incentivo à manufatura, como é caso de William Morris e seus conceitos acerca do desenvolvimento artesanal e sua tentativa de revalorização estética em detrimento da produção em massa na sociedade. Em seu manifesto tem-se o bordado como:

[...] projeto o qual deveria ser dito que o objetivo é a exibição de materiais belos. Ademais, não vale a pena ser feito a não ser que seja exuberante e rico, ou muito delicado – ou ambos. Para tal arte nada irregular, desconexa ou mal produzida deveria ser dito: não há desculpas para fazer algo que não seja ao menos impressionantemente belo. (MORRIS, 1893, p.34).

Usando esses conceitos do bordado como produção rica e intrinsecamente relacionada à produção têxtil, dotada de significância, este artigo analisa o seu conteúdo relacionado ao contexto político e social do período em que foi desenvolvido.

2. Bordado na Inglaterra

A igreja católica teve papel fundamental na produção têxtil, durante a idade média, sendo o mecenas da produção de tal forma que o bordado era primordialmente eclesiástico. O trabalho feito por devotos, monges e costureiras impediu que o bordado fosse esquecido e, por conseguinte, os

exemplares que sobreviveram ao tempo tem um rico teor histórico, pois guardam simbolismos da fé cristã conhecidos atualmente.

A partir da Reforma Protestante as bordadeiras perderam o seu maior patrono. A igreja anglicana coloca fim ao bordado eclesiástico e grande parte dos exemplares produzidos anteriormente é destruída. Algumas peças tiveram seus metais e pedras preciosos saqueados enquanto que o seu tecido foi reaproveitado para outro propósito ou queimado. Durante tal período parte dos pertences da igreja foram leiloados e os exemplares de bordado eclesiásticos restantes passaram para coleções privadas. Em algumas mansões inglesas pode-se encontrar outrora vestes bispais sendo utilizadas para propósitos domésticos.

Depois da Reforma, a moda propicia ao bordado um espaço para seu desenvolvimento, e o século XVI se torna uma das eras mais promissoras para o bordado de vestuário.

3. História do *blackwork*

Blackwork é uma técnica de bordado em que o padrão não necessita ser desenhado previamente no tecido, pois é desenvolvido através da contagem de linhas da trama, processo o qual se assemelha ao utilizado no ponto cruz, denominado de Bordado sobre Fios Contáveis.

Consiste em representações bordadas com fio de seda preta ou fios de ouro sobre linho branco, imitando a renda, motivo pelo qual recebeu o nome pejorativo de “renda do homem pobre”, por ser uma solução mais econômica para adornar as camisas, substituindo rendas feitas à mão,

Historicamente, é associado com a produção da indumentária, apesar de sua disseminação pelo ambiente doméstico durante o período Elisabetano. Historiadores analisam sua produção em conjunção com a de trajes do século XVI e início do século XVII, desde que as alterações na moda produziram importante influência em seu desenvolvimento.

O *blackwork* inglês tem suas origens creditadas ao bordado espanhol, mas diferentes tipos de bordado sobre fios contáveis feitos em preto e branco foram encontrados em muitos outros países, especialmente os de

descendência eslava, como Rússia, Romênia, República Tcheca, Bulgária e integrantes da antiga Iugoslávia. (GEDDES; MCNEILL, 1976, p.14)

Durante a invasão Moura, a cultura espanhola se desenvolveu a partir de influências de seus conquistadores. A produção têxtil recebeu grande contribuição, principalmente na tapeçaria, no bordado e na tecelagem em seda, sendo possível visualizar, neste período, a preferência por padronagens geométricas em detrimento das orgânicas, as quais expressam conceitos de simetria seguidos pelos povos Islâmicos, os quais posteriormente seriam disseminados pelo território inglês.

Credita-se à Catarina de Aragão a inserção do bordado espanhol na Inglaterra, pois foi a responsável por incentivar e disseminar o uso de bordados em preto e branco pelas classes mais abastadas, contrariando a crença em seu papel de criadora desta espécie de bordado, já que é possível visualizar tal processo em trabalhos produzidos anteriormente em seu país de origem.

A rainha tinha um favoritismo pela cor preta e outros tons escuros, contudo, apesar de o monarca ditar moda naquela época, o gosto da espanhola era considerado muito austero e sombrio. Na tentativa de quebrar o efeito fúnebre dos trajes foram adicionados fios dourados aos detalhes como caule das flores no *blackwork*, o que ocasionou uma maior popularidade disseminando rapidamente tal processo de ornamentação pela corte.

A princípio quando Catarina fora levada para a Inglaterra, com o propósito de se casar com o herdeiro da coroa, Arthur I, o *blackwork* foi utilizado nas bordas de golas e punhos de camisas, peça íntima a qual estava habituada a ser ornamentada desde o século XIII. Entretanto, após a morte do futuro monarca, seu irmão Henrique VIII ascende ao trono e durante o seu reinado a camisa passa a ser um artigo de luxo e os bordados se tornam mais elaborados.

As camisas masculinas passaram a ter as golas, pulsos e babados das mangas bordados (figura 1) enquanto nas femininas o *blackwork* era aplicado nos babados dos pulsos, em detalhes nas mangas e na parte frontal da peça (figura 2). No inventário das posses de Henrique VIII há registros de peças bordadas em *blackwork*, golas feitas em fio de ouro e bordados feitos em seda negra.

Figura 1: Hans Holblein, 1534-1536, Retrato de Henrique VIII, Museu Thyssen - Bornemisza



Fonte: <http://www.museothyssen.org>

Figura 2: British School, século XVI, Retrato de Catarina de Aragão, Royal Collection



Fonte: <https://www.royalcollection.org.uk>

Nos primeiros cinquenta anos em alta na Inglaterra o *blackwork* foi utilizado majoritariamente bordado nos vestidos, entretanto durante a Era Elisabetana o *blackwork* manteve sua popularidade e o que era visto como um bordado aplicado somente em vestuário e acessórios disseminou-se para o âmbito doméstico, passando a ser utilizado em dosséis, cortinas, almofadas e outros itens de decoração.

O bordado serviu também como ferramenta da propaganda Elisabetana, a rainha diversas vezes foi representada com camisas bordadas com padrões da rosa inglesa (figura 3), uma forma de reiterar sua conexão com a dinastia Tudor e fortalecer sua legitimidade ao trono.

Figura 3: Artista desconhecido, cerca de 1590, Elizabeth I, Jesus College



Fonte: <http://www.luminarium.org>

Durante o reinado de James I o *blackwork* ainda foi utilizado em menores proporções, entretanto logo se tornou artigo fora de moda e caiu em desuso.

4. A produção do *blackwork*

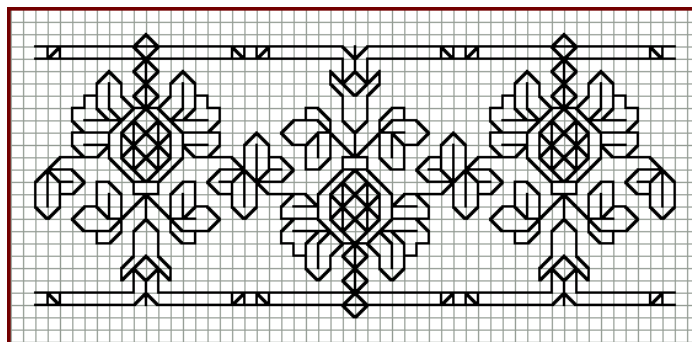
Conforme se estabelecia na Inglaterra, o *blackwork* se desenvolveu a partir da influência dos temas já utilizados no país, deixando de ser um bordado majoritariamente geométrico e passando a reproduzir imagens de flores e frutas. Os principais temas eram a rosa, símbolo da realeza e o cravo, considerado a flor do povo.

O desenvolvimento dos padrões fundamenta-se em uma “distribuição por toda a parte de hastes contínuas, bastante delgadas, em comparação com as folhas volumosas, caprichosamente manuseadas, frutas, etc” (COLE, 1906 apud JORDAIN, 1912, p. 145).

À Catarina de Aragão é associada a romã (figura 3), fruta símbolo da cidade em que passou a infância, Granada. Tal símbolo surge nos exemplares produzidos nos primeiros anos de *blackwork*, sendo mais popular as voltas do casamento de Catarina com Arthur, o Príncipe de Gales. A romã volta a se torna um tema recorrente na arte inglesa, justamente pelo avanço dos trâmites

de divórcio entre Catarina e Henrique VIII, sendo utilizada posteriormente pela futura rainha, Maria I da Inglaterra, como tributo à memória da mãe.

Figura 3: diagrama de padrões de romã



Fonte: <http://www.blackworkarchives.com>

Os padrões de bordado mais antigos consistiam em flores saindo de hastes em formatos de arabescos, distribuídas uniformemente pelo linho. As hastes eram bordadas de maneiras diferentes à do resto do padrão, usava-se seda mais fina ou fios de ouro em sua produção. Posteriormente os arabescos passaram a ser menos curvos e as flores menos pictóricas.

5. Considerações finais

O *Blackwork* é um exemplo de como interações interculturais propiciaram o surgimento de produções artísticas com influências de diferentes povos, religiões e costumes. Demonstra que por mais que se tente confinar e creditar a produção têxtil a um único contexto sociopolítico é impossível desde que é um conhecimento plural com ramificações em diferentes sociedades.

A quantidade de peças de *blackwork* disponível para estudo é limitada, além de serem feitas em menor escala, o metal usado para tingir os fios de preto, quando oxida produz um efeito corrosivo, apodrecendo a trama das vestes. As peças produzidas fora da Inglaterra, ou bordadas com fio de seda que não foram tingidas no país tendem a estar mais preservadas, pois nos pigmentos pretos produzidos em outro reino a quantidade de ferro na composição é menor.

Apesar da escassez de exemplares muito dessa espécie de bordado pode ser visto nas pinturas feitas pelo artista *Hans Holbein*, em coleções pessoais e também em museus, como o *Victoria and Albert Museum*. Além de

muitos artesãos ao redor do mundo continuarem com a produção através do *blackwork* moderno.

6. Referências

BORGES, Adélia. **DESIGN + ARTESANATO** – o caminho brasileiro. Terceiro nome, 2011.

GEDDES, Elizabeth; MCNEILL, Moyra. **Blackwork Embroidery**. Dover Publications, 1976.

HOUELIER, Cláudia. **Historia dos Bordados**. Disponível em <<http://houdelier.com/paginas/bordadoshistoria.html>> Acesso em: 05 abr. 2016.

JOURDAIN, Margaret. **The History of English Secular Embroidery**. Nova Iorque. E. P. Dutton and Company. 1912.

KENDRICK, Albert Frank. **English Embroidery**. Londres, B. T. Batsford; Nova Iorque, Charles Scribner's Sons. 1905.

MEMBERS OF THE ARTS AND CRAFTS EXHIBITION SOCIETY. **Arts and Crafts Essays**. London. Rivington, Percival & Co. 1893.

RUNES, Dagobert D.; SCHRICHEL; Harry G. **Enciclopedia de Las Artes**. Barcelona. Libreria Editorial Argos.

VICTORIA AND ALBERT MUSEUM. **Introduction to English Embroidery**. Disponível em <<http://www.vam.ac.uk/content/articles/i/english-embroidery-introduction>>. Acesso em: 20 abr. 2016.